

COMO CRIANÇAS GARANTEM A POSTERIORIDADE DE EVENTOS NA NARRATIVA

KATIANE TEIXEIRA BARCELOS CASERO¹; BRUNA SANTANA DIAS-CAVALHEIRO²; MIRIAN ROSE BRUM-DE-PAULA³

¹Universidade Federal de Pelotas PIBIC/CNPq – kb.casero@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas PROBIC/FAPERGS – brunasantanadias@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas –brumdepaula@yahoo.fr

1. INTRODUÇÃO

Ao contar uma história, o locutor abandona o *aqui e agora* e sustenta seu discurso em um tempo passado. Necessita, para tanto, recorrer à memória. Nela se encontram estocados os eventos que deseja reportar. Esses acontecimentos devem, então, ser organizados de forma coerente e coesa. Segundo Adam (1984), para que um texto possa ser considerado como narrativo, é preciso que haja, obrigatoriamente, uma sucessão de eventos. A produção de um texto narrativo eficiente, desse modo, demanda a progressão cronológica do relato. Mas de quais recursos as crianças lançam mão para dar conta da complexa organização temporal que este tipo de texto demanda?

De acordo com LEVELT (1982), a organização linear do texto é coagida pelo *conhecimento mútuo* - saberes compartilhados por locutor e ouvinte - e pelas limitações da memória em funcionamento. Além desses dois fatores, o locutor pode contar com a ordem intrínseca e não marcada de linearização do discurso, denominada por Levelt, *Princípio da Ordem Natural (PON)*. O PON diz respeito aos acontecimentos culturalmente definidos ou experienciados pelo locutor. Segundo essa concepção, os *eventos* reportados - na superfície da fala - tendem a emergir seguindo a ordem na qual foram estocados na memória.

Para VON STUTTERHEIN e KLEIN (2005), um texto tem por base uma *Gesamtvorstellung (GV)* e uma *quaestio*. A GV corresponde ao corpo complexo de informações; a *quaestio* à pergunta que dirige a produção textual. Assim, a questão – explícita ou implicitamente formulada – filtra as informações e guia a tipologia textual: descritiva, argumentativa ou narrativa. Em se tratando de um texto narrativo, o locutor não só necessita responder à questão, como deve saber organizar os eventos a serem reportados. Além de selecionar, a *quaestio* é responsável por definir a estrutura principal, composta pela *trama*, doravante T, e pelo *pano de Fundo*, doravante PF. A primeira é o esqueleto da narrativa. Nela encontram-se informações que respondem diretamente à *quaestio*. Objetivamos, com este trabalho, averiguar quais mecanismos linguísticos estão presentes – ou ausentes – nos textos dos aprendizes de língua materna, a fim de assegurar a progressão cronológica dos textos produzidos.

2. METODOLOGIA

Por entendermos que texto é o resultado de representações mentais diversas selecionadas por uma questão, aos sujeitos dessa pesquisa foi perguntado: *o que aconteceu com o p (personagem)?* A resposta surgiu em forma de dois textos narrativos, um na modalidade oral e outro na modalidade escrita. O livro *Frog, where are you?* (MAYER, 1969), que não contém linguagem verbal, foi empregado para a coleta dos dados.

Selecionamos sujeitos que participaram dos dois momentos da coleta. As produções ocorreram nos anos de 2008 e 2009 em uma escola pública na cidade de Agudo no Rio Grande do Sul. O estudo conta com os textos oriundos da produção de 10 sujeitos, com idades entre 8 e 13 anos, estudantes das 2ª a 7ª séries do ensino fundamental. Cada informante produziu uma narrativa na modalidade oral e outra na modalidade escrita, nos dois momentos da coleta.

Para estabelecer comparações entre as narrativas das crianças, com um modelo desenvolvido e estabilizado de língua, coletamos produções de sujeitos adultos. Adotamos, então, os mesmos critérios metodológicos utilizados para as coletas das crianças. Os informantes adultos são estudantes da UFPel, do 6º semestre do curso de Letras, com idades entre 23 e 26 anos. A figura abaixo ilustra o banco de textos selecionados para este trabalho.

Informantes	1ª COLETA (2008) 2ª, 4ª e 6ª Séries					2ª COLETA (2009) 3ª, 5ª e 7ª Séries					GRUPO CONTROLE		
	Idades					Idades					Idades		
	8	9	10	11	12	9	10	11	12	13	23 a 26 anos		
S1	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>				A1	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
S2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>				A2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
S3		<input checked="" type="checkbox"/>					<input checked="" type="checkbox"/>				A3	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
S4		<input checked="" type="checkbox"/>					<input checked="" type="checkbox"/>				A4	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
S5			<input checked="" type="checkbox"/>					<input checked="" type="checkbox"/>					
S6			<input checked="" type="checkbox"/>					<input checked="" type="checkbox"/>					
S7				<input checked="" type="checkbox"/>					<input checked="" type="checkbox"/>				
S8				<input checked="" type="checkbox"/>					<input checked="" type="checkbox"/>				
S9					<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>					<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	• Narrativa Oral
S10					<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>					<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	□ Narrativa Escrita

Figura 1: banco de dados

Conforme pode ser visualizado, foram analisadas 20 narrativas orais e 20 narrativas escritas de crianças e adolescentes e 4 narrativas orais e 4 narrativas escritas de adultos. O conjunto de textos trabalhado é constituído por 48 narrativas.

Realizamos uma análise proposicional seguindo as reflexões de SANZ-ESPINAR (2005). O primeiro passo foi segmentar a narrativa em proposições – “elemento mínimo interpretável no discurso, ou melhor, com sentido para o locutor de uma língua” (SANZ-ESPINAR, 2000). Em seguida, as proposições foram classificadas quanto ao plano discursivo: (i) T– onde se organizam, de forma cronológica, os eventos vinculados às personagens introduzidas na narração e (ii) PF – onde se encontram outros eventos, estados ou propriedades que ocorrem de modo anterior, simultâneo ou posterior aos eventos presentes na trama narrativa.

O próximo passo foi o de identificar o movimento referencial posterior de cada proposição, pois, neste trabalho, o foco de estudo é a expressão da posterioridade. Então, analisamos o léxico utilizado para expressar os processos reportados e, depois, definimos o tipo de cada processo, seguindo a tipologia proposta por Klein (1994). Por fim, detectamos o tempo verbal e demais expressões temporais utilizadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento referencial posterior foi expressivamente maior do que outros movimentos, o que pôde ser verificado através do alto número de proposições da trama narrativa, nas duas modalidades de linguagem. Os gráficos abaixo ilustram a distribuição das proposições quanto aos planos discursivos (trama e pano de fundo) nas produções de crianças e adultos.

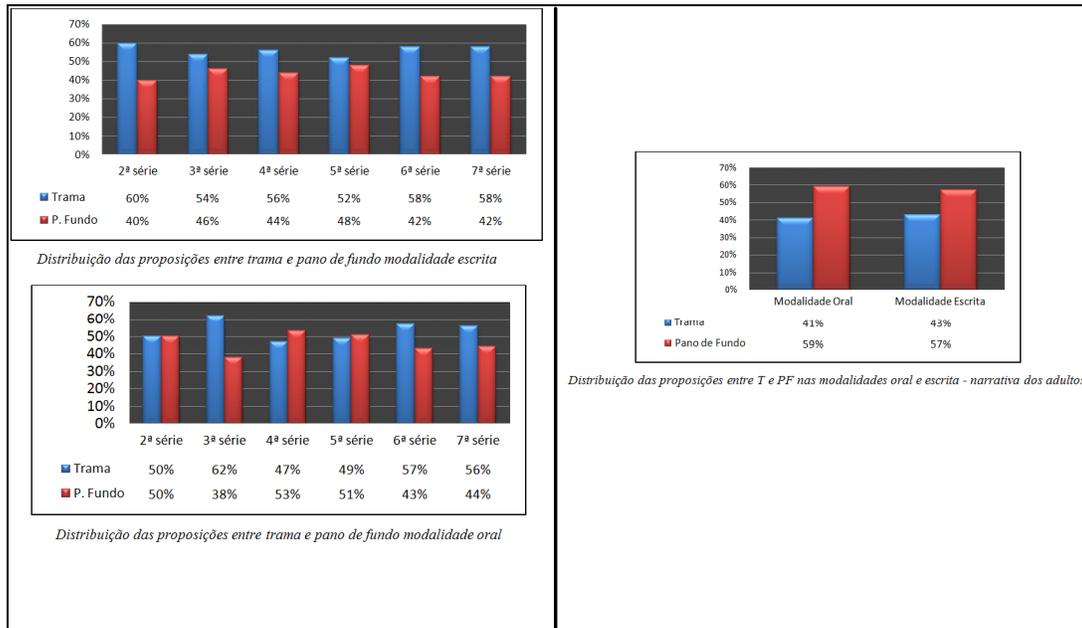


Figura 2: gráficos dos planos discursivos

Embora apresentem uma visão global do texto, os gráficos apontam uma maior facilidade em fazer o relato progredir do que em realizar a quebra da linearidade, ou seja, inserir eventos simultâneos ou anteriores. A consolidação da trama parece ser mais instável na modalidade oral do que na modalidade escrita, na qual a trama é superior em todas as séries.

Na modalidade oral existe certa oscilação entre a preservação da cronologia e a inserção da sua quebra, uma vez que nas segunda, quarta e quinta séries, o PF supera a T. Entretanto, uma análise mais minuciosa dos movimentos referenciais do PF, pode verificar se essa oscilação deve-se à aquisição de novas formas - as quais auxiliariam na quebra da linearidade - ou se o movimento posterior torna-se preponderante também no segundo plano do discurso, o que reforçaria o aspecto cronológico do texto narrativo.

Nas narrativas dos adultos, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral, o PF é mais desenvolvido do que a T. Como nos textos das crianças, a diferença observada ocorre nas narrativas orais, principalmente. Além da diferença entre as configurações dos planos discursivos, os adultos iniciam a trama, em média, na 10ª proposição, pois dedicam as primeiras informações à constituição do pano de fundo sobre o qual a narrativa irá se desenvolver.

A cronologia do texto, marcada pelo movimento posterior, embora seja indispensável, precisa ser rompida para ceder lugar a outros movimentos temporais. Entretanto, constituir o PF e quebrar a linearidade da trama complexas para crianças em processo de aquisição. De fato, 60% das narrativas das crianças iniciam a trama na segunda proposição, por exemplo. Compor o

pano de fundo demanda o emprego de elementos linguísticos que possam situar, caracterizar e avaliar tanto as personagens quanto o espaço e o tempo em que essas entidades circulam.

A progressão cronológica disposta na trama é garantida pelo uso preferencial de processos de 2 estados cujo contraste temporal possui duração ínfima. Esse tipo de processo está, geralmente, associado a verbos no pretérito simples e emerge, primeiramente, na trama. Aos poucos, torna-se preponderante também no pano de fundo, o que reforça o caráter cronológico dos textos narrativos produzidos.

4. CONCLUSÕES

As crianças selecionadas para este estudo, evidentemente, já produzem textos narrativos na modalidade oral. O alto número de proposições, com movimento referencial temporal posterior, mostra que os elementos linguísticos para dar conta da cronologia já estão presentes e são funcionais aos 8 anos de idade. O passado simples foi o tempo verbal mais recorrente, tanto nas narrativas das crianças, quanto nas narrativas dos adultos, o que pode estar relacionado com o papel do *input* linguístico para sua aquisição. É, pois, importante resgatar a importância dessa forma verbal. De fato, ela assegura a cronologia textual. Quebrar essa cronologia, no entanto, é um grande desafio para crianças em fase de aquisição da linguagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.M.; REVAZ, F. **A análise da Narrativa**. Lisboa: Gradiva, 1997.

KLEIN, W. **Time in language**. Londres; Nova York: Routledge, 1994.

KLEIN, W; STUTTERHEIM, C. V. How to solve a complex verbal task: text structure, referential movement and the quaestio. **Letras**, Santa Maria, v 30 e 31, 2005.

LEVELT, W.J. The speaker's linearisation problem. In: **Philological transactions of the Royal Society of London**, nº 295, série B, 1982.

MAYER, M. **Frog, where are you?** Dial Books for young Readers: New York, 1969.

SANZ-ESPINAR, G. La proposición: una unidad semántico-conceptual para el estudio de la referencia en el discurso y de las relaciones interproposicionales. In: **Congreso Internacional de semántica**. 2000, Madri. Cien años de investigación semántica de Michael Bréal a la actualidad. Anais. Universidad de la Laguna. Madri: Ediciones Clásicas, 2000.

_____. Proposition vs énoncés: la segmentation de corpus oraux. **Letras**, Santa Maria, n. 27, 2005